

CONSUMO DE ELETRICIDADE CAI 2,8% EM OUTUBRO

O consumo de eletricidade na rede totalizou 38.079 GWh em outubro, refletindo a menor variação mensal (-2,8%) desde março. Todas as classes de consumo apresentaram declínio, em especial o comércio e serviços (-6,9%), que registrou a maior queda do ano, e a residencial (-2,5%). Contribuíram para esse resultado as temperaturas mais amenas e a conjuntura econômica adversa.

O consumo das indústrias caiu 1,7% no mês, com retração em todas as regiões do país.

O mercado cativo recuou 8,3% no mês, ao passo que o mercado livre avançou 14,1% (pág. 4), refletindo o processo continuado de migração dos consumidores para o ambiente de contratação livre, em especial, de geração oriunda de fontes incentivadas.

CONSUMO NAS INDÚSTRIAS RECUA 1,7%

O consumo de eletricidade nas **INDÚSTRIAS*** totalizou 13.819 GWh em outubro, refletindo queda de 1,7% em relação ao mesmo mês do ano passado.

A conjuntura econômica desfavorável se mantém, com registro de queda em grande parte dos indicadores. O mercado de trabalho, por exemplo, segue enfraquecido. Segundo o CAGED/TEM, houve eliminação de 5.562 empregos formais na indústria de transformação em outubro. Adicionalmente, o crédito do sistema financeiro para a indústria de transformação também caiu em outubro em relação ao mesmo mês de 2015 (-9,9%), conforme BACEN. Dados da CNI no mês indicaram que a produção industrial continuou muito baixa, recuando em relação à de setembro, mesma situação da Utilização Média da Capacidade Instalada, que atingiu 65%. O Índice de Confiança da Indústria (ICI) da FGV/IBRE também registrou queda em outubro, possivelmente sinalizando revisão para baixo das expectativas econômicas futuras.

O gráfico abaixo mostra o desempenho do consumo de eletricidade dos dez principais setores consumidores da indústria em outubro.

A metalurgia permanece como principal segmento de consumo industrial de eletricidade no País, com cerca de 24% do

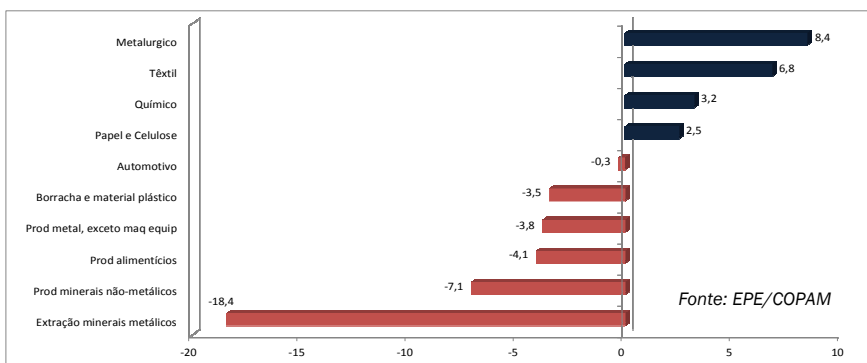
total da indústria. Em outubro, observou-se alta de 8,4%, principalmente em função das ferroligas, da siderurgia e da metalurgia dos metais não-ferrosos de Minas Gerais (+32,8%). No Norte (+2,7%), o avanço no consumo está associado à metalurgia dos metais não-ferrosos do Pará (+2,7%), enquanto no Sul (+17,7%), se destacou a siderurgia no Rio Grande do Sul (+49,3%). Em outubro, o sexto aumento sucessivo na fabricação de alumínio primário (+7,1%, dados da ABAL) e o progresso na produção de laminados (+2,6%, segundo IABr) contribuíram com a performance do consumo de eletricidade do setor no mês.

Já o crescimento do consumo no setor têxtil (+6,8%) em outubro está relacionado, entre outros, ao aumento das atividades de fabricação de tecidos de malhas, fiação de fibras artificiais e tecelagem de fios de fibras têxteis naturais em Minas Gerais (+8,3%) e à fabricação de artefatos têxteis a partir de tecidos em Santa Catarina (+43,6%). Neste último, também houve reclassificação das atividades do segmento. O resultado do consumo do setor em Santa Catarina no mês está alinhado com o avanço de 11,0% da sua produção têxtil em setembro, conforme PIM-PF do IBGE.

O consumo de energia no ramo químico como um todo apresentou crescimento de 3,2% em outubro graças à expansão de 16,4% em Minas Gerais e de 2,1% em São Paulo. Na Bahia (+20,9%), o avanço no consumo está ligado à produção de PVC, intermediários para plastificantes, resinas e fibras sintéticas. Segundo a ABIQUIM, o setor aumentou em outubro a produção industrial em 11,19%, enquanto o NUCI alcançou 85%, melhor nível operacional desde o final de 2012. ■

*consumo via rede elétrica. Não inclui autoprodução.

Brasil: Variação do consumo industrial por setor (Δ% outubro/2016 x outubro/2015)



RESIDÊNCIAS, COMÉRCIO & SERVIÇOS

Temperatura afetou consumo na Baixa Tensão

O consumo **RESIDENCIAL** em outubro foi de 10.855 GWh, assinalando redução de 2,5% sobre igual mês do ano anterior, após 7 meses consecutivos de crescimento.

Os indicadores econômicos mais relacionados ao comportamento da classe residencial, sobretudo renda e emprego, permanecem em baixa, porém não registraram piora significativa na passagem do mês que justificasse a reversão de comportamento do consumo residencial de energia.

A massa de rendimento, que combina informação de rendimento e população ocupada, manteve-se estável em relação ao trimestre encerrado em julho: o nível de ocupação caiu, mas foi contrabalançado por uma leve variação positiva da renda média real (PNAD Contínua/IBGE).

Os fatos têm frustrado a

expectativa de alguma melhora da economia no curto prazo. Deve-se considerar, em função disso, a possibilidade de um comportamento mais precavido por parte das famílias, induzindo-as, talvez, a um novo esforço de contenção do consumo.

Nesse contexto, entre os fatores que explicam o resultado negativo da classe em outubro, atribui-se à temperatura um efeito preponderante. Em muitos mercados do País, verificaram-se, nesse início de primavera, temperaturas mais moderadas que no ano passado, diminuindo a demanda associada ao uso de equipamentos de ar condicionado.

No Sudeste, que corresponde a quase metade do consumo nacional da classe, as famílias reduziram o consumo de eletricidade em 3,3%, com taxas de -4,6% em São Paulo e de -10,3%

no Espírito Santo. Em São Paulo, a temperatura máxima esperada para esse período é de 24°C (normal climatológica), porém, enquanto no ano passado a máxima ficou acima de 30°C em 16 dias, neste ano, isso ocorreu somente em 2 dias.

O consumo teve queda mais expressiva no Centro-Oeste (-8,0%), com retração em todos os estados da região, tendo sido mais significativa em Goiás (-10,0%). Na capital deste estado, a temperatura máxima ficou, em média, 2°C acima da normal, enquanto em 2015, foi de quase 6°C.

Na região Norte, o volume maior de chuvas combinado com temperaturas mais baixas resultaram num clima mais fresco e em consumo 6,5% menor.

Foi observado crescimento do consumo residencial apenas no Nordeste (+2,6%), sobressaindo-se entre os mercados da região, Ceará (+5%) e Rio Grande do Norte (+6,7%).

O consumo da classe **COMERCIAL**, por sua vez, recuou 6,9% - foram consumidos no mês 7.078 GWh, menos 525 GWh do que em outubro de 2015.

O desempenho da classe tem sido condizente com o quadro econômico e a c o m p a n h a o de saquecimento da atividade do setor, ilustrado,

por exemplo, pelo declínio das vendas no varejo, que caiu de -5,3% em janeiro para -6,6% em setembro (em volume acumulado em 12 meses, PMC/IBGE).

O clima mais ameno em outubro, portanto, intensificou a redução do consumo que já se observava na classe, decorrente das condições mais restritas de crédito e da deterioração do mercado de trabalho.

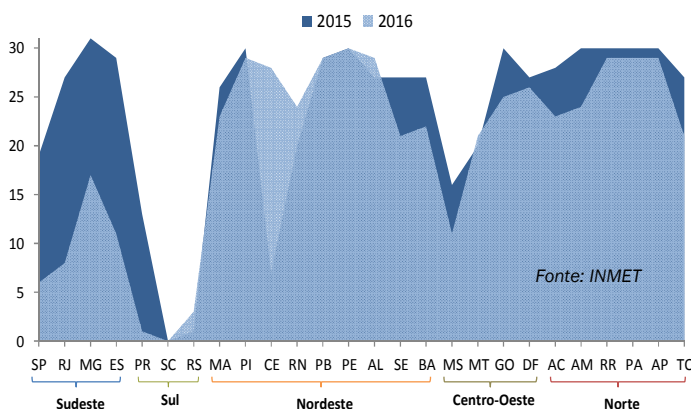
O pior resultado no mês coube à região Sudeste (-9,7%), graças principalmente a São Paulo (-11,5%). No Rio de Janeiro, segundo maior mercado na região, o resultado também foi fraco (-7,3%). Nos dois casos, essa é a taxa mais baixa no ano.

Além do Sudeste, também em todos os estados do Sul (-8,3%) e do Centro-Oeste (-7,0%) houve redução do consumo comercial. As quedas mais fortes foram registradas no Paraná (-10,6%) e no Mato Grosso do Sul (-10,0%), respectivamente.

No Norte (-0,1%), o crescimento no Amazonas (9,0%) praticamente compensou a diminuição do consumo nos demais estados.

No Nordeste (1,6%), apenas Bahia (-1,2%) e Maranhão (-3,6%) apresentaram queda. Em Pernambuco, o consumo cresceu (1,5%).■

Brasil (capitais): número de dias em que a temperatura máxima superou a temperatura normal esperada para o período*



* Para as capitais onde a máxima esperada é menor que 28°C, esta foi considerada a temperatura de referência, em substituição da normal climatológica.

CONSUMO DE ENERGIA DAS INDÚSTRIAS RECUA 3,7% NO ANO ATÉ SETEMBRO

Características regionais da indústria influenciaram no desempenho da classe

No mês de novembro foi realizado mais um encontro da Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica - COPAM, grupo coordenado pela EPE e do qual fazem parte os agentes que atuam no mercado brasileiro de energia elétrica, notadamente as distribuidoras de energia.

Nesses encontros são desenvolvidas análises em conjunto com os agentes sobre o desempenho do consumo de energia à luz do quadro econômico do País, além de traçar perspectivas para os próximos anos. Trata-se, portanto, de um amplo fórum de intercâmbio de ideias, reflexões e experiências do mercado de energia elétrica nacional.

Dentre os temas abordados na última reunião, destaca-se a evolução regional do consumo de eletricidade dos ramos industriais até o III trimestre do ano. Na seção ao lado estão ilustrados os gráficos com os dez principais segmentos industriais consumidores de energia de cada região do País, com os seus respectivos percentuais de participação no mercado regional e sua evolução no acumulado do ano até setembro.

A região Nordeste, por exemplo, onde a demanda de energia das indústrias ao longo de 2016 atingiu os menores níveis históricos (desde 2004), exibiu retração no consumo de 8,2% no período, impactada pelos declínios da metalurgia (-30,6%), da extração de minerais metálicos (-20,6%) e da fabricação de produtos de minerais não-metálicos (-10,6%). Este cenário

adverso está em linha com o recuo na produção industrial nordestina de 3,7% no intervalo janeiro-setembro, divulgado pela PIM-PF do IBGE.

Já na região Sul (-2,5%), se sobressaiu no período o ramo alimentício (+3,9%), associado aos estados do Paraná (+4,1%) e Santa Catarina (+11,1%), onde se destacaram o abate de aves e suínos e a moagem e fabricação de produtos de origem vegetal. O sul do Brasil é responsável por cerca de 36% do consumo do segmento no país.

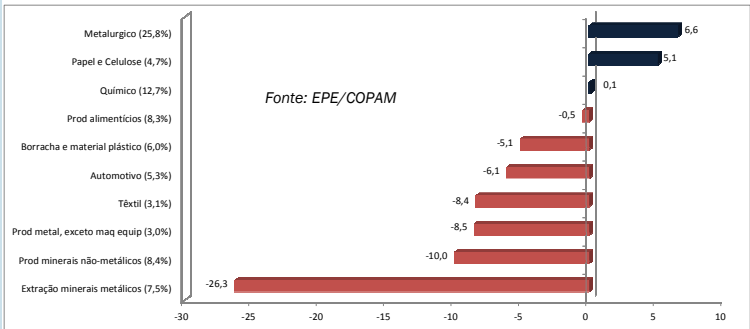
Apesar da conjuntura generalizada de quedas, na região Sudeste (-4,1%) se notabilizaram pelo crescimento os setores metalúrgico (+6,6%), em função das ferroligas em Minas Gerais (+27,6%), e o ramo de fabricação de papel e celulose (+5,1%), relacionado à produção de celulose para exportação em São Paulo (+5,2%).

No Centro-Oeste (+2,4%), o avanço de 35,5% na metalurgia está ligado às ferroligas de Goiás (+40,7%), onde entraram em operação, a partir de out/15, dois altos-fornos de plantas locais que estavam em reforma. Por sua vez, o crescimento de 4,0% no ramo de extração de minerais metálicos é, em grande parte, devido à reclassificação das atividades do setor em Mato Grosso (+139,8%).

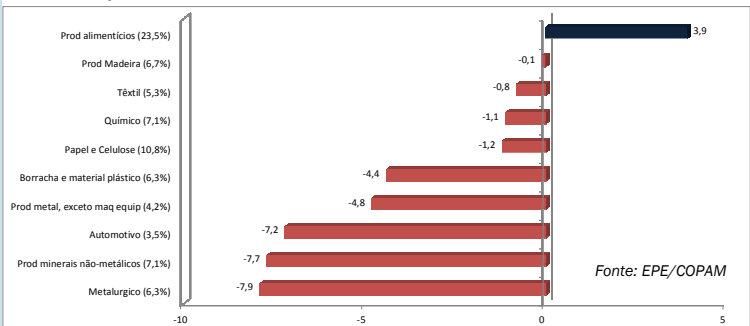
Por fim, o estado do Pará foi o que mais contribuiu para os progressos na metalurgia (+4,1%) e na extração de minerais metálicos (+2,7%) na região norte do país (+0,2%).

■

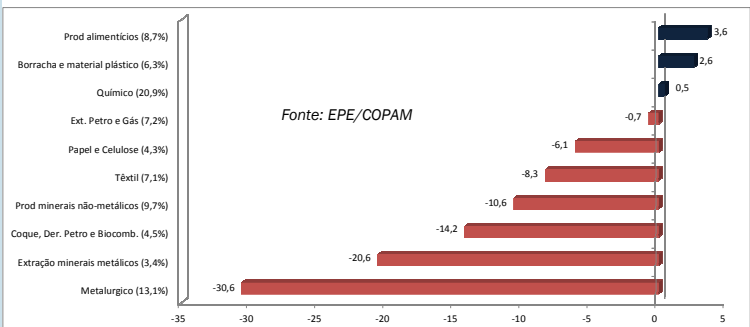
Sudeste: Variação do consumo industrial por setor ($\Delta\%$ jan-set/16 x jan-set/15)



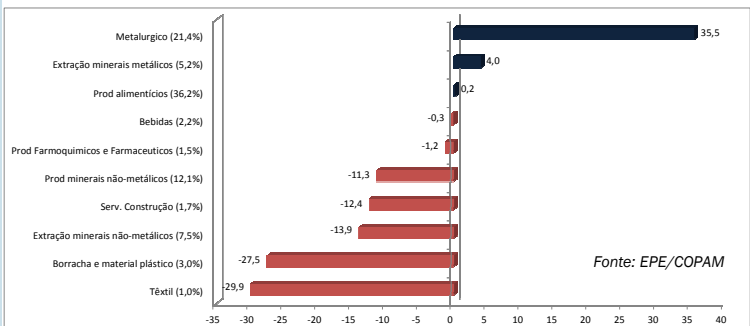
Sul: Variação do consumo industrial por setor ($\Delta\%$ jan-set/16 x jan-set/15)



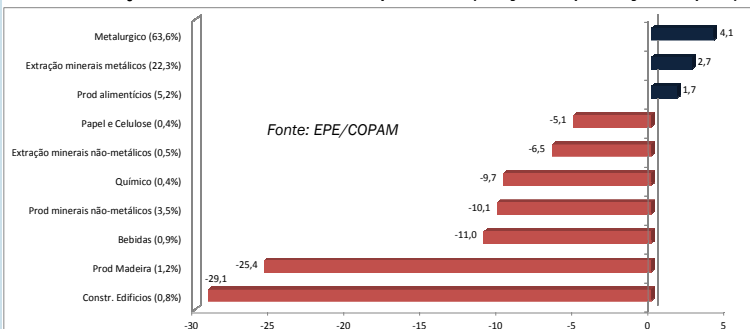
Nordeste: Variação do consumo industrial por setor ($\Delta\%$ jan-set/16 x jan-set/15)



Centro-Oeste: Variação do consumo industrial por setor ($\Delta\%$ jan-set/16 x jan-set/15)



Norte: Variação do consumo industrial por setor ($\Delta\%$ jan-set/16 x jan-set/15)



ESTATÍSTICAS DO CONSUMO DE ENERGIA ELÉTRICA NA REDE (GWh)

REGIÃO/CLASSE	EM OUTUBRO			ATÉ OUTUBRO			12 MESES		
	2016	2015	%	2016	2015	%	2016	2015	%
BRASIL	38.079	39.168	-2,8	382.423	386.748	-1,1	460.076	467.537	-1,6
RESIDENCIAL	10.855	11.131	-2,5	110.308	108.841	1,3	132.491	131.385	0,8
INDUSTRIAL	13.819	14.064	-1,7	136.715	141.705	-3,5	163.869	171.609	-4,5
COMERCIAL	7.078	7.602	-6,9	73.214	74.835	-2,2	88.794	90.665	-2,1
OUTROS	6.328	6.371	-0,7	62.186	61.367	1,3	74.922	73.879	1,4
CONSUMO TOTAL POR SUBSISTEMA									
SISTEMAS ISOLADOS	253	281	-10,1	2.434	2.804	-13,2	2.947	3.479	-15,3
NORTE	2.960	3.012	-1,7	28.291	27.676	2,2	34.197	33.378	2,5
NORDESTE	6.126	6.129	-0,1	60.343	60.493	-0,2	72.776	72.870	-0,1
SUDESTE/C.OESTE	22.299	23.210	-3,9	223.196	226.976	-1,7	268.806	274.481	-2,1
SUL	6.441	6.536	-1,5	68.159	68.799	-0,9	81.350	83.330	-2,4
REGIÕES GEOGRÁFICAS									
NORTE	2.931	3.033	-3,4	28.015	27.515	1,8	33.911	33.093	2,5
RESIDENCIAL	827	885	-6,5	7.690	7.350	4,6	9.413	8.857	6,3
INDUSTRIAL	1.251	1.281	-2,3	12.397	12.404	-0,1	14.879	14.878	0,0
COMERCIAL	460	460	-0,1	4.166	4.050	2,9	5.059	4.894	3,4
OUTROS	394	408	-3,5	3.763	3.710	1,4	4.560	4.463	2,2
NORDESTE	6.713	6.711	0,0	65.985	66.397	-0,6	79.567	80.175	-0,8
RESIDENCIAL	2.220	2.163	2,6	22.212	21.603	2,8	26.722	25.967	2,9
INDUSTRIAL	1.928	2.017	-4,4	19.123	20.756	-7,9	22.977	25.212	-8,9
COMERCIAL	1.202	1.182	1,6	11.814	11.619	1,7	14.292	14.018	2,0
OUTROS	1.363	1.349	1,0	12.836	12.418	3,4	15.575	14.977	4,0
SUDESTE	19.063	19.695	-3,2	191.433	195.220	-1,9	230.375	236.287	-2,5
RESIDENCIAL	5.284	5.464	-3,3	53.875	53.811	0,1	64.684	65.034	-0,5
INDUSTRIAL	7.379	7.446	-0,9	72.465	75.330	-3,8	86.816	91.325	-4,9
COMERCIAL	3.709	4.108	-9,7	39.082	40.412	-3,3	47.541	48.972	-2,9
OUTROS	2.691	2.677	0,5	26.010	25.667	1,3	31.334	30.956	1,2
SUL	6.441	6.536	-1,5	68.159	68.799	-0,9	81.350	83.330	-2,4
RESIDENCIAL	1.596	1.612	-1,0	17.396	17.136	1,5	20.612	20.718	-0,5
INDUSTRIAL	2.531	2.539	-0,3	25.457	26.044	-2,3	30.492	31.549	-3,3
COMERCIAL	1.099	1.197	-8,3	12.174	12.700	-4,1	14.633	15.455	-5,3
OUTROS	1.215	1.188	2,2	13.132	12.918	1,7	15.613	15.608	0,0
CENTRO-OESTE	2.931	3.192	-8,2	28.831	28.818	0,0	34.873	34.652	0,6
RESIDENCIAL	928	1.008	-8,0	9.135	8.941	2,2	11.059	10.808	2,3
INDUSTRIAL	729	781	-6,6	7.273	7.170	1,4	8.704	8.644	0,7
COMERCIAL	608	654	-7,0	5.978	6.054	-1,2	7.270	7.326	-0,8
OUTROS	666	748	-11,0	6.445	6.653	-3,1	7.839	7.874	-0,4

BRASIL			
Consumo de energia elétrica			
	Outubro	12 Meses	
CONSUMO CATIVO			
TWh	27,1	340,7	
Δ%	-8,3	-2,9	
CONSUMO LIVRE			
TWh	11,0	119,4	
Δ%	14,1	1,9	

Fonte: Comissão Permanente de Análise e Acompanhamento do Mercado de Energia Elétrica - COPAM/EPE. Dados preliminares para 2016.

A EPE se exime de quaisquer responsabilidades sobre decisões ou deliberações tomadas com base no uso das informações contidas nesta Resenha, assim como pelo uso indevido dessas informações.

Presidente

Luiz Augusto Nóbrega Barroso

Diretor de Estudos Econômico-Energéticos e Ambientais

Ricardo Gorini de Oliveira

Diretor de Energia Elétrica

Amílcar Guerreiro

Diretor de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis

José Mauro Ferreira Coelho

Diretor de Gestão Corporativa

Álvaro Henrique Matias Pereira



RESENHA

Mensal do Mercado de Energia Elétrica



Coordenação Geral

Ricardo Gorini de Oliveira

Coordenação Executiva

Jeferson B. Soares

Comunicação e Imprensa

Denise Maria Luna de Oliveira

Revisão (economia)

Aline Moreira Gomes

Camila de Araújo Ferraz

João M. Schneider de Mello

Lidiane de Almeida Modesto

Equipe Técnica

Carla C. Lopes Achão

(coord. técnica)

Simone Saviolo Rocha

Thiago Toneli Chagas